



32º GRACIOSA 2019

HILARINO CARLOS RODRIGUES DA LUZ, Investigador da NOVA FCSH e Investigador Integrado do CHAM, Centro de Humanidades, onde foi Bolseiro de Pós-Doutoramento, de julho de 2015 a junho de 2018, é Doutor em Estudos Portugueses, especialização em Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa (2013), Mestre em Estudos Portugueses, especialização em Estudos Literários (2008) Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, Variante de Estudos Portugueses (2006), pela FCSH - Universidade NOVA de Lisboa.

Além de artigos publicados e de uma vasta experiência profissional, nomeadamente como professor no ensino público português, tem organizado e participado em vários congressos internacionais em Portugal, Cabo Verde, Itália e Polónia.

Problematização da abordagem de Gilberto Freyre sobre a realidade cabo-verdiana, Hilarino da Luz Carlos Rodrigues da Luz, CHAM, Departamento de Estudos Portugueses, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa Universidade dos Açores, Correio eletrónico: hluz@fcs.unl.pt ORCID: [0000-0001-5694-5781](https://orcid.org/0000-0001-5694-5781)

SINOPSE

PALAVRA-CHAVE: Brasil; Cabo Verde; Gilberto Freyre; viagem; realidade cabo-verdiana; intelectuais.

Pretendemos, com este artigo, abordar a problematização que Gilberto Freyre fez da realidade cabo-verdiana, resultante da sua passagem pelo país, aquando de uma viagem que fez por Portugal e pelas colónias portuguesas, na década de 1950. Nessa altura, Cabo Verde já conhecia a modernidade literária, consequente da publicação da revista *Claridade*, uma revista fundada por nomes como Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, em março de 1936. (Luz, 2013).

Publicada em duas fases, essa revista sofreu um interregno entre 1938 e 1946. Com o texto de abertura “*Lantuna & 2 motivos de finançom* (batuque da ilha de Sant’Iago)”, a primeira fase, de março de 1936 a março de 1937 e com apenas três números publicados, ficou marcada pela colaboração de poucos autores. (Luz, 2013). Aos seus fundadores acrescentaram-se apenas os nomes de Osvaldo Alcântara – pseudónimo de Baltasar Lopes –, com três poemas “Almanjarra”, “Noturno” e “Mamãe”; Pedro Corsino Azevedo, com “2 Poemas”; de José Osório de Oliveira, com o artigo “Palavras sobre Cabo Verde para Serem Lidas no Brasil”; com Artur Augusto, que publicou o texto “O Sentido Heroico do Mar”, e João Lopes, com o texto “Apontamento”. Conta com dois textos visados pela censura (“O Lobo e o Chibinho – Conto Popular de S. Nicolau” e “Tomada de Vista”, de Manuel Lopes. No final da página 10, do terceiro número, os seus responsáveis dão a conhecer alguns periódicos que receberam de Portugal:

“*HUMANIDADE* (quinzenário de defesa e propaganda do Ultramar Português). Lisboa. n.ºs 12-20; *PORTUCALE* (Revista Ilustrada de Cultura Literária e Científica). Porto. n.ºs 49-50; *O MUNDO PORTUGUÊS* (Revista de Cultura e Propaganda, de Arte e Literatura Coloniais. Lisboa. n.ºs 30-37; *COMÉRCIO DA BEIRA* (Semanaário noticioso e literário). Beira. n.ºs 13/146-31/164”. (CLARIDADE, 1937:10).

O artigo “Palavras sobre Cabo Verde para Serem Lidas no Brasil”, de José Osório de Oliveira, um ensaísta e jornalista português, que muito escreveu sobre Cabo Verde, foi antecedido pelas seguintes palavras:

“*Por deferência do autor, publicamos estas notáveis considerações de José Osório de Oliveira, cuja compreensão do caso crioulo se tem traduzido de forma tão inteligente e assídua. Congratulamo-nos com a colaboração de Osório, sempre Benvinda nesta revista que, justamente, procura revelar a mensagem da alma patrícia*”. (Osório, 1936:4).

A segunda fase, com seis números publicados e irregulares, decorreu de 1947 a 1960. Assim, em 1947 foram publicados os números quarto e quinto; em 1948 o sexto; em 1949 o sétimo, em 1958 o oitavo e em 1960 o nono. Nuno Miranda foi editor dos números quarto a sétimo e Joaquim Tolentino dos números oitavo e nono. Teve como principal dinamizador Baltasar Lopes, sendo que Jorge Barbosa se encontrava a trabalhar na ilha do Sal e Manuel Lopes nos Açores. Registou um maior número de colaboradores, tais como: António Aurélio Gonçalves; Félix Monteiro; Baltasar Lopes; Jorge Barbosa; Corsino Fortes; Manuel Lopes; Gabriel Mariano; Sérgio Frusoni; Aguiinaldo Brito Fonseca; Arnaldo França; Pedro Corsino de Azevedo; Nuno Miranda; Tomás Martins; Osvaldo Alcântara; Manuel Serra; Mário Macedo Barbosa; Teixeira de Sousa; e outros nomes. (Luz, 2013).

Viveu-se com a sua publicação uma era agitada, através da eliminação de muitos preconceitos em detrimento da exposição de contradições económicas e sociais. Promoveu-se, ainda, o debate de ideias entre escritores e artistas. Surgiu, assim, um novo tipo de tratamento da realidade cabo-verdiana, através da tematização da seca; da fome; da morte; da emigração, baseada na evasão e no dilema bipartido (querer partir – ter de ficar; querer ficar – ter de partir); da solidão; da nostalgia; da ansiedade; da evasão; da esperança; das festas; das histórias tradicionais; das crenças; dos cantares; do movimento dos cargueiros; da insularidade; do património cultural – o crioulo, a culinária, a morna, a tabanca, o batuque –; da emigração forçada para S. Tomé e Príncipe; do declínio do Porto Grande de S. Vicente. (Luz, 2013).

O dilema anteriormente referido, querer partir – ter de ficar; querer ficar – ter de partir, esteve muito presente na produção literária dos claridosos. Esse desejo bipartido é suscitado pela vivência do cabo-verdiano que, estando a viver num meio insular com poucos recursos financeiros, recorre à prática agrícola para tentar a sua própria forma de sobrevivência. A escassez da chuva acaba por o desiludir com constância,

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

restando-lhe apenas a emigração com única saída. A esperança de que no dia seguinte vai chover faz com que ele se mantenha preso nas ilhas porque quando chove há produção agrícola em abundância, logo há abundância.

Quando não chove, embora com um forte apego à terra natal, o cabo-verdiano sente a necessidade de sair para procurar novas formas de sobrevivência, de modo a ajudar a sua família. Abandona a sua terra natal de coração partido, como se nota na seguinte passagem da obra *Famintos*, de Luís Romano:

“- Minha terra tem fala que está no sangue da gente: - Menino morrendo, securo a torrar o campo, homem dando e levando de chicote, toda esta grande estiagem, é falar que entra dentro do povo e pega para deixar ninguém daqui. Este lugar não tem coisa nenhuma, a não ser maldade e afronta. [...]. Pois, agora que eu vou embarcar é que eu [estou] sentindo saudade, pedindo, rogando para eu não deixar esta ilha. [...]. Terra tem poder que ninguém sabe onde está. Saudade é que dá cabo da criatura e marca destino de quase tido o filho daqui.” (Romano, 1983:334).

Há, contudo, aqueles que fantasiavam uma viagem conseqüente das circunstâncias miseráveis vividas no país, mas que, por vezes, acabam por a renunciar. Mané Quim, um personagem da obra *Chuva Braba*, de Manuel Lopes, de mala pronta, renunciou uma ida ao Brasil, com o seu padrinho, assim que começou a chover, dizendo as seguintes palavras: *“Não é uma pouca água. Choveu toda a noite. Chuva braba. O Ribeirãozinho deve estar a transbordar até ao primeiro pilar, com certeza... É lá o meu lugar agora”*. (Lopes, 1965:249).

Desta feita, havendo uma realidade e um imaginário locais, o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, ao abordar a realidade cultural cabo-verdiana causou um certo desconforto nas forças vivas, mormente em Baltasar Lopes e Jorge Barbosa. O primeiro chegou a referir que “o messias desiludiu-nos”. (Lopes, 1956:8). Trata-se de um termo que utilizou em resposta a algumas afirmações feitas pelo dito sociólogo aquando da sua passagem pelo país A sua curta estadia e o pouco contacto que estabeleceu com os seus intelectuais fizeram-no formar uma visão errónea da realidade sociocultural cabo-verdiana, desiludindo esses jovens que o apreciavam e desejavam a sua presença no arquipélago, a par do estudioso português Artur Ramos – que, refira-se, teve morte prematura (Luz, 2013), conforme podemos confirmar nas seguintes palavras de Baltasar Lopes:

“Logo, como fogo em mato seco, começou a alastrar-se entre os do nosso grupo a esperança de que viessem um dia a Cabo Verde deslocar a sua tenda de estudos de campo estes dois especialistas das culturas tropicais, munidos, como estavam, de técnicas e experiência que nenhum de nós possuía. [...]. No que diz respeito a Artur Ramos, o maná não pode cair diretamente. Se não fosse a sua morte prematura, estou a ver o que ele poderia apurar e sistematizar em matéria de aculturação, relações de raças e de cultura [...]. Enfim, Gilberto Freyre veio. Chegou, viu, interpretou. Porém, [...] poderia ele dar das nossas ilhas uma interpretação não eivada de pressa jornalística ou turística, no tão pequeno espaço de tempo e na pobreza de contactos com que teve [...]”. (Lopes, 1956: 7-8).

Neste sentido, o mesmo autor defende que:

“Há um pouco mais de vinte anos, eu e um grupo reduzido de amigos começámos a pensar no nosso problema, isto é, no problema de Cabo Verde. Preocupava-nos sobretudo o processo da formação social destas ilhas, o estudo das raízes de Cabo Verde. Entrevíamos o problema, mas faltava-nos a especialização e também a experiência desta espécie de estudos. Se excetuarmos um ou outro raro domínio como, por exemplo, o da linguagem, éramos perfeitamente hóspedes em tantos outros, como o da antropologia cultural, da aculturação, das relações de raças e de cultura, do folclore, entendido como ciência. Precisávamos de certezas sistemáticas, que só nos podiam vir, como auxílio metodológico e como investigação, de outras latitudes”. (Lopes, 1956: 6).

Porém, Gilberto Freyre fez uma interpretação *tant bien que mal*, segundo o autor anteriormente citado. Nesta senda, também asseverou que o sociólogo manifestou algum menosprezo ao crioulo de Cabo Verde, atualmente língua cabo-verdiana, incentivando Jorge Barbosa a também dizer que: *“O grande sociólogo brasileiro, que todos nós, de há muito, estimámos e admiramos, não tem razão.”* (Barbosa, 1953:24). Nesta linha de pensamento, José Osório Oliveira já tinha escrito no segundo número da *Clareza* que:

“[É], precisamente, essa resignação que os cabo-verdianos cultos precisam de combater no seu povo. Bem sei que a luta do homem de Cabo Verde com a inclemência do clima é trabalho de Sísifo. [...]. Falei dum jovem poeta de Cabo Verde. Quero dizer aos brasileiros que escutaram estas palavras que em Cabo Verde existe um grupo de poetas e de prosadores que só por si justifica toda a simpatia por aquelas ilhas perdidas no Atlântico. Porque quero dizer isso especialmente aos brasileiros? O alto nível mental dos cabo-verdianos é, há muito, uma das maiores provas da excelência da colonização portuguesa [...]. (Oliveira, 1936:4)

Esses intelectuais manifestaram-se profundamente desiludidos com a interpretação de Cabo Verde que o sociólogo escreveu, sobretudo em *Aventura e Rotina*. Nessa obra, esse “irmão” brasileiro, antes estimado pelos jovens intelectuais islenhos, viu os habitantes das ilhas como sendo mestiços ou crioulos, e como africanos que, tendo recebido certos valores europeus, se encontravam num estado de indefinição cultural, justificada pela fragilidade económica, pelo uso “generalizado” do crioulo, incapaz de servir como meio complexo de expressão, e ausência de uma arte popular legítima. (Freyre, 1953). Baltasar Lopes, que se encontrava no Brasil aquando da sua presença em Cabo Verde, conforme referimos anteriormente, respondeu-lhe com o seu artigo *Cabo Verde Visto por Gilberto Freyre*, em 1956, onde, além de explicar as razões que levaram o seu grupo a ansiar pela ida do sociólogo ao arquipélago, apresentou os pontos negativos da sua abordagem, chegando a afirmar que do seu trabalho só se aproveitavam algumas “migalhas” (Luz, 2013), como se nota na seguinte transcrição:

“Como todo o arrazoado que fica aí, pretendi sugerir que metodologicamente não devemos tomar como traduzindo o Cabo Verde cabo-verdiano certas conclusões a que implícita e explicitamente chegou Gilberto Freyre no seu livro “Aventura e Rotina”. Muito mais, mas muitíssimo mais, teria o mestre brasileiro de observar, talvez melhor, de surpreender, para que essa necessidade de interpretação a que há pouco aludia pudesse ser satisfeita. As próprias dificuldades de comunicação que impressionaram Gilberto Freyre determinam vivências insuspeitadas, que não se aprendem com uma rápida visita a centros urbanos de poucas ilhas. [...].” (Lopes, 1956:10).

Quanto à literatura do arquipélago, Gilberto Freyre, além de ter ficado desapontado, achou-a parecida com a brasileira e entendeu que os poetas cabo-verdianos precisavam de se distanciarem da do seu país. Apesar de manifestar a sua oposição em relação às ideias de Gilberto Freyre, Jorge Barbosa, já referido, assumiu a influência da literatura brasileira na cabo-verdiana. (Luz, 2013). No entanto, desvalorizou uma situação de dependência, visto que os cabo-verdianos construíram o seu próprio caminho literário e que essa influência foi pontual, na medida em que, segundo o próprio, não foi *“tão duradoura, porque depressa soubemos encontrar o nosso caminho, embora tivesse ficado em nossos escritos, por coincidência de reações, alguma parecença com a literatura brasileira. Uma parecença de família”*. (Barbosa, 1953:24).

Manuel Ferreira apontou dois pontos de distinção entre a poesia cabo-verdiana e as demais, a nível temático, ao procurar a afirmação de uma personalidade originada da mistura de duas raças diferentes (o negro e o branco), sendo que o mestiço se movimentava *“livremente (tão livremente quanto é possível numa sociedade estruturada em formas tradicionais) reagindo perante o meio socioeconómico com uma consciência sábia e refletida”*. (Ferreira, 1960:9-10).

Nessa ótica, José Lopes, similarmente, já tinha antecipado no artigo “Apontamento”, publicado no número dois da revista *Clareza*, que:

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

“Podemos considerar em Cabo Verde dois grupos de cultura, se não totalmente diferenciados, pelo com características que em parte lhes definem fisionomia própria. E essa dualidade resulta, a meu ver, das bases económicas e agrícolas em que assentou o teor da vida do arquipélago. Neste capítulo, dada de materiais de estudo que permitam refazer a história económica e social das ilhas, temos de preencher lacunas com ilações tiradas da situação atual e subsidiariamente dos estudos levados a efeito no Brasil, para explicação do fenómeno brasileiro, em cuja integração aturam os dois fatores capitais da formação de Cabo Verde: o europeu e o afronegro (Lopes, 1936:9).

Nesta linha de pensamento, o supracitado Baltasar Lopes, no seu artigo “Uma Experiência Românica nos Trópicos”, na sua abordagem sobre Gilberto Freyre referiu que:

“O eminente sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, nas suas conferências na Europa, reeditadas em 1940, com o título *O Mundo Que o Português Criou*, apresenta um ponto de vista rico de sugestões e que, quando transportado para o problema linguístico, está de acordo com o que suponho ser a tenacidade românica nos territórios ultramarinos de cunho português. Para o ensaísta brasileiro, “Portugal, o Brasil, a África e a Índia Portuguesas, Madeira, os Açores e Cabo Verde constituem hoje uma unidade de sentimento e de cultura”. Os lusodescendentes – puros e mestiços – de áreas diversas (continua Freyre) quando se põem em contacto uns com os outros são para se sentirem espantosamente semelhantes nos seus motivos e nos seus estilos de vida. [...]” (Lopes, 1947:15).

Essa teoria deu um novo alento ao regime salazarista, ao ter apresentado características que, no entender do seu autor, suportavam a ideologia desse regime, sobretudo por uma natureza etnicamente democrática, assente em boas relações entre os escravos e senhores, e pela capacidade civilizadora portuguesa nos trópicos:

“Também quanto à relativa benignidade nas relações, no Brasil, entre os vários grupos etnoculturais. São grupos que, interpenetrando-se, vêm concorrendo, através de considerável mobilidade social, quer horizontal, quer vertical. Para favorecer, nesta parte da América, sob forma de uma civilização moderna em ambiente tropical, uma democracia dinamicamente étnico e cultural com o mérito pessoal tendendo, cada vez mais, a superar desvantagens tanto de etnia quanto de classe que possa prejudicar indivíduos.” (Freyre, 1971: XXI).

Ainda no que se concerne à sua ida ao arquipélago de Cabo Verde, em resposta à sua opinião em relação aos respetivos intelectuais insulares, Gilberto Freyre afirmou que:

“Fiquei, de certo modo, dececionado, pois esperava mais e melhor. A influência brasileira é manifesta. Prejudicial porque dela os intelectuais de Cabo Verde não souberam libertar-se. Falta-lhes, portanto, originalidade. Falta-lhes personalidade. Uma literatura própria diferenciada, não se cria pela insistência na escolha de temas locais. É necessário ir mais longe, trazer esses temas para o plano universal.” (apud Barbosa, 1953:23).

Esta abordagem fez Jorge Barbosa, igualmente supracitado, acusá-lo de não ter obtido elementos suficientes que o pudessem ajudar a ter uma visão positiva das ilhas, ao ter passado pouco tempo no país e ao ter tido pouco contacto com os “homens das letras”, conforme também defendeu Baltasar Lopes:

“Ora, não sei se Gilberto Freyre terá colhido elementos informativos suficientes para fazer aquela rápida alusão às pessoas, bem poucas por sinal, que em Cabo Verde se dedicam às letras. Teve entre nós, como não podia deixar de ser, passagem de bem curta duração. Seus contactos connosco foram limitados e poucos. [...] Como terá sucedido em vários climas em várias épocas, e terá sucedido no Brasil também, não é caso invulgar os escritores e as literaturas sofrerem influências de outros escritores, mesmo na sua fase de renovação, em que se iniciam, portanto, novas rotas, diferentes das segundas até então. [...]” (Barbosa, 1953: 23).

Em suma, Jorge Barbosa também defendeu que as obras produzidas no país nem sempre se limitaram aos assuntos locais, conforme defendeu o sociólogo brasileiro, visto que também tiveram a preocupação em procurar universalizar a literatura cabo-verdiana, pelo que, mais uma vez, não concordava com a interpretação da realidade cabo-verdiana que o autor de *Sobrados e Mucambos* intentou. (Barbosa, 1953).

Referências bibliográficas

- Barbosa, Jorge (1953). “Crónica de S. Vicente: nós e Gilberto Freyre”. *Cabo Verde - Boletim de Propaganda e Informação*, 42, 23-24.
- Cardão, Marcos et Castelo, Cláudia (orgs.). 2015. *Gilberto Freyre. Novas Leituras do Outro Lado do Atlântico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Carvalho, Alberto Duarte (1988). *A Ficção de Baltasar Lopes. Contributo para a Originalidade da Literatura cabo-verdiana*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- Ferreira, Manuel (1960). “Uma Página de Artes e Letras”. *Cabo Verde. Boletim de Propaganda e Informação*, 133, 9-10.
- Ferreira, Manuel (Org., coord. e dir.) (1936). *Clareza. Revista de Arte e Letras*, S. Vicente, 1937, 10.
- Freyre, Gilberto (1953). *Aventura e Rotina. Sugestões de uma Viagem a Procura das Constantes Portuguesas e de Ação*. Lisboa: Livraria José Olímpio Editora.
- Freyre, Gilberto (1971). *Novo Mundo nos Trópicos*. São Paulo: CEN / EDUSP.
- Lopes, Baltasar (1947). “Uma Experiência Românica nos Trópicos”. Ferreira, Manuel (Org., coord. e dir.), *Clareza. Revista de Arte e Letras*, 4, 15.
- Lopes, Baltasar (1956). “Cabo Verde Visto por Gilberto Freyre”. *Cabo Verde. Boletim de Propaganda e Informação*, 84, 7-17.
- Lopes, Manuel Lopes de (1965). *Chuva Braba*: Ulisseia.
- Luz, Hilarino da (2013). *O Imaginário e o Quotidiano Cabo-verdianos na Produção Literária de Jorge Barbosa*. Tese de Doutoramento apresentada à FCSH - Universidade NOVA de Lisboa.
- Oliveira, Osório de. 1936. “Palavras sobre Cabo Verde para Serem Lidas no Brasil”. *Clareza. Revista de Arte e Letras*, S. Vicente, 1936, 4.
- Romano, Luís (1983). *Famintos*. Lisboa: Ulmeiro.

SÓCIO AICL EM 2019,
PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO,
TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE
PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 32º NA GRACIOSA 2019